

# FATOS E NOTAS

---

## AFONSO TAUNAY E O REVISIONISMO HISTÓRICO (\*).

---

Aos 27 de dezembro de 1944, na reunião anual dos historiadores norte-americanos, realizada em Chicago, e como sempre promovida pela *American Historical Association*, Afonso Taunay era proposto e eleito membro honorário dessa associação. Não se tratava de uma distinção comum, pois não só a *American Historical Association* é muito sóbria e prudente na sua escôlha, como também a eleição era feita por nomes altamente considerados nos Estados e acompanhada de outros grandes nomes da historiografia universal.

Compunha-se a comissão de sócios honorários de Waldo Leland, presidente do *Council of American Learned Societies* e autor da monumental pesquisa sôbre documentos históricos norte-americanos existentes nos arquivos e bibliotecas francesas (*Guide to Materials for American History in the Libraries and Archives of Paris*, Washington, 1932-1943, 2 vols.), de Bernadotte Schmitt, a historiadora de *Some Historians of Modern Europe* (Chicago, 1942), e encarregada da publicação dos documentos sôbre a segunda Guerra Mundial, e de Guy Stanton Ford, que durante tantos anos dirigiu a mais completa revista de história do mundo, a *American Historical Review*.

Não menos honrosa para Taunay era a companhia dos seus nove companheiros de eleição, dos quais são bem conhecidos no Brasil D. Rafael Altamira y Crevea, Pierre Caron, Johann Huizinga, Albert Pollard e George Macauley Trevelyan. Igualar-se a qualquer um destes grandes nomes da historiografia universal, numa dignidade acadêmica, encheria de orgulho o mais orgulhoso historiador sul-americano, entre os quais se distinguia não só a Taunay como a Domingo Amanátegui y Solar, autor da *Historia Social de Chile* e de *El Progreso Intelectual y Político de Chile*.

Era a consagração estrangeira ao maior trabalhador da historiografia brasileira, cuja obra vasta e monumental tinha trazido uma contribuição factuel tão grande quanto a de Varnhagen. Disse Capistrano de Abreu com tôda razão, ao examinar a obra de Varnhagen, que era "difícil exagerar os serviços prestados pelo Visconde de Pôrto Seguro à história nacional, assim como os esforços que fêz para elevar-lhe o tipo".

---

(\*) . — Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, de 6 de abril de 1958 (*Nota da Redação*).

E acrescentou, ainda, noutra análise sôbre o mesmo historiador, que “os achados de Varnhagen foram consideráveis, sobretudo quanto ao primeiro século de nossa história”. O que faltou a Varnhagen no domínio da revelação dos fatos foi especialmente a pobreza da reconstituição do século XVII. “No século dezesste, Varnhagen fêz também algumas descobertas, mas não tiveram grande importância, e a justiça manda declarar que a história não lhe deve tanto”.

Capistrano compreendeu que não era possível reduzir o século XVII ao domínio holandês, em que fôra forte Varnhagen. “A invasão flamenga”, escreveria nos seus *Capítulos de História Colonial*, “constitui mero episódio da ocupação da costa. Deixa-a na sombra a todos os respeitos o povoamento do sertão iniciado em épocas diversas, de pontos apartados, até formar-se uma corrente interior, mais volumosa e mais fertilizante que o tênue fio litorâneo”.

Esta afirmação corresponde a um renôvo de tôda a temática do revisionismo histórico, que encontra em Capistrano seu teórico e em Taunay o executor: o revisionismo histórico é tanto ideológico como factual e coube a Capistrano influir decisivamente em ambos, seja renovando a interpretação e pesquisa de novos materiais, seja revelando novos fatos.

A história do Brasil fôra, até então, a história da colonização do litoral: era preciso voltar-lhe as costas e pensar nos caminhos da conquista do interior. O grito da independência da historiografia norte-americana dera-o Turner em 1889, ao mostrar que a ocupação americana da bacia do Mississipi não encontrara ainda seu historiador e que a história dos Estados Unidos deveria ser construída baseando-se no fato de que o centro de gravidade da nação tinha cruzado as montanhas naquela região. Ora, dar à nossa história as novas proporções que o conhecimento das bandeiras e da conquista do sertão exigiam, devia ser o trabalho da mais nova geração de historiadores. Foi êste o pensamento de Capistrano, esboçado nos *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil* e nos *Capítulos de História Colonial*. Turner, em 1889, e Capistrano, em 1899, alteravam profundamente o escrito e a metodologia histórica. Aqui se revela em tôda sua pujança o revisionismo temático e factual, com o estímulo à investigação e ao esclarecimento de uma nova zona desconhecida, abandonada ou desleixada.

A investigação das bandeiras sofreu, desde então, um novo impulso capital e o nosso saber histórico vai alargar-se imensamente. O pensamento de Turner, de americanizar a historiografia norte-americana, encontra paralelo na idéia de Capistrano de abrasilizar a historiografia brasileira. Agora não são só as comunidades

do litoral sujeitas a tôdas as espécies de influências exóticas, nem os acontecimentos estrondosos, superestruturais, que merecem o desvelado cuidado do historiador. E' preciso ver os caminhos, as monções, a fronteira moveança, os processos de conquista do sertão e de criação de uma personalidade histórica distintamente brasileira.

Ainda em 1907, Capistrano escrevia nos mesmos *Capítulos de História Colonial* que faltavam documentos para redigir-se a história das bandeiras. Ela era realmente tão pouco conhecida que o próprio Taunay, no prefácio de sua monumental *História Geral das Bandeiras*, iria declarar que até então se desconhecia o próprio nome da maior figura do movimento, Antônio Raposo Tavares. O esforço, especialmente paulista, indesviável no seu caminho destrutivo e construtivo, foi necessário, legitimado historicamente, mas demorado e silencioso, sem o aparato da luta externa contra invasores. Deixou de produzir historiografia, crônicas, relatórios, histórias, não porque fôsse o resultado da iniciativa privada, mas porque, em sua primitividade, os bandeirantes não reconheciam ser indispensável à eficácia de sua ação o registro histórico. O registro iconográfico é também paupérrimo.

Por outro lado, a obra de mazombos, índios e mestiços não seduzia a historiografia oficial, demasiado encantada com os aspectos externos da defesa de Portugal, na América, contra a Holanda. A historiografia colonial não podia ou não queria exaltar a obra feita contra ordens expressas da Corôa por iniciativa de colonos, especialmente quando a seduzia a magnificência das batalhas holandesas no Brasil. Nem se podiam alugar penas europeias caras e reputadas, como fêz João Maurício de Nassau com Gaspar Barleus e João Fernandes Vieira com Rafael de Jesus para contar o brio e brilho de simples mazombos. Os bandeirantes são homens de ação e não de meditação, querem fazer história e não escrevê-la.

Daí a pobreza da bibliografia e da historiografia, como acentuaram Afonso Taunay e Alice Canabrava. Nenhum dos grandes sertanistas deixou o relato de suas jornadas de penetração. Sobraram fontes históricas, peças documentais, de origem espanhola e brasileira, estas últimas só neste século descobertas e examinadas. Era preciso, portanto, reconstruir tudo.

Esta falta, compreendida e apontada por Capistrano de Abreu, alertara alguns precursores antes de Taunay. Assim, por exemplo, Washington Luís, que desde 1902 fizera descobertas nos documentos bandeirantes do Sertão, existentes no Arquivo do Estado de São Paulo, posteriormente mandadas publicar (1), e Basílio de Magalhães, que em 1915 publicava sua monografia *Expansão geo-*

(1). — José Honório Rodrigues, "Washington Luís e o Bandeirismo", *O Jornal* (Rio), 11 de dezembro de 1952.

*gráfica do Brasil até fins do século XVII*, mais tarde consideravelmente aumentada e editada sob o título de *Expansão Geográfica do Brasil Colonial* (Brasiliana, vol. XLV, 1935). Coube, porém, a Afonso Taunay realizar o maior plano de recriação histórica, fazendo reviver tôda uma fase pouco conhecida.

Ele mesmo refere, em seu discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, a advertência sempre repetida de Capistrano, de que um só dos autos dos inventários valia mais que uma ruma de cartas régias, e o seu conselho de enveredar por êsse caminho, não desperdiçando tempo com capitães-gerais e Vice-Reis. E então conta: “Ao generoso *ultimatum obedeci*. Assim me dispus a uma emprêsa que apenas vale pela exigência árdua do labor, a fidelidade da consulta às fontes e o desejo de servir a verdade. Pois a narrativa da dilatação do Brasil pelos paulistas avassaladores de milhares de quilômetros quadrados, que, por direito de bulas e tratados, deviam ser castelhanos, é tentame cujas dimensões cada vez mais se alarga e exige, para a sua explanação, o concurso de muitos trabalhadores animosos e encarniçados ao trabalho” (2).

Era uma tarefa que demandava, à primeira vista, uma legião de trabalhadores que investigassem, em monografias especiais, as várias etapas do bandeirismo, antes que Taunay tentasse sozinho a história geral. Entre 1924 e 1930, em apenas seis anos, publicava os 6 primeiros tomos de sua *História Geral das Bandeiras Paulistas*. Em 1936 saía o 7.º volume e em 1946, 1948, 1949 e 1950 os 4 últimos. Eram 11 volumes, em 26 anos de trabalho. Escrevendo-os com uma constância, fidelidade e capacidade dignas da maior admiração, Taunay promoveu um alargamento tão grande e extraordinário das perspectivas e do conhecimento da nossa história como poucos capítulos podem apresentar. Neles se encontra uma das maiores revisões factuais na historiografia brasileira.

A partir da publicação da *História Geral do Brasil* de Varnhagen, em 1854, e especialmente dos artigos críticos de Capistrano de Abreu a respeito dela, iniciara-se, em nossa historiografia, uma corrente revisionista. Seu objetivo, na concepção de seu chefe, que fôra o próprio Capistrano, não era somente a revisão dos fatos, mas a revisão ideológica. E' o que se depreende de suas palavras, ao escrever, em 1873, o necrológio de Varnhagen: “Esperemos que alguém iniciado no movimento de pensar contemporâneo, conhecedor dos métodos novos e dos instrumentos poderosos que a ciência põe à disposição de seus adeptos, leve o edifício cujos elementos reuniu o Visconde de Pôrto Seguro”.

(2). — “Discurso de recepção do Sr. Afonso Taunay”, *Discursos Acadêmicos*, 1927-1932, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1937, págs. 214-215.

Não é aqui o lugar para apreciar a contribuição de Capistrano nesta direção. Já tentamos esboçá-la na conferência que, no seu centenário, pronunciamos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e que vem publicada na sua Revista e no 1.º volume da *Correspondência* de Capistrano de Abreu, por nós editada. Seu revisionismo factual exerceu-se especialmente na *História Geral* e foi continuado e ampliado por Rodolfo Garcia. Comparem-se a 1a. e a 2a. edições da *História Geral*, dadas em vida de Varnhagen, com a 3a. edição (só o 1.º volume) ou a 3a. edição integral, e veja-se como tinha razão Capistrano ao escrever, em 20 de abril de 1904, ao Padre Teschauer, que o preparo dela lhe tinha dado muito mais trabalho do que pensara.

Os principais continuadores de Capistrano, Rodolfo Garcia e Afonso Taunay, seguiram mais a corrente do puro revisionismo factual. O primeiro, com sua excepcional erudição, preparo histórico e bibliográfico, corrigiu e ampliou a *História Geral*. O segundo preferiu, seguindo ainda o caminho apontado por Capistrano, preencher a grande lacuna evidente naquela *História*. Não anotou, não emendou: construiu o que faltava, ampliando o nosso conhecimento histórico. Tanto um como outro alargaram o conhecimento histórico, um corrigindo, outro construindo obra própria.

A *História Geral das Bandeiras* representa a maior contribuição factual depois de Varnhagen. Reconheceu-o Rodolfo Garcia ao chamar Taunay, em 1931, “o atual *bâtonnier* dos historiadores nacionais”.

Mas se desde 1931 Taunay assumia, com a aceitação de seu mais competente colega, a liderança da historiografia brasileira, com a obra já extensa; seis volumes das *História Geral das Bandeiras*, a contribuição documental extraordinária decorrente da elaboração dos *Anais do Museu Paulista* e os artigos na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e nas dos Institutos Históricos estaduais, ainda de maior relêvo se tornaria sua posição com o início da publicação da *História do Café* (15 tomos, 1927-1937).

Deu-nos Afonso Taunay, a partir de 1927, a mais rica contribuição ao estudo dos fundamentos da nossa história. A história territorial juntou a história do principal produto econômico, em larga fase de nossa história. Seu trabalho ficou assinalado pela descoberta e análise de dois elementos estruturais, um seiscentista e outro oitocentista e novecentista, ambos capitais para a compreensão das linhas fundamentais do nosso processo histórico. O sentido realista, isto é, estrutural e não conjuntural, mostrava o Brasil como um produto do processo real, isto é, não só uma criação po-

lítica, ética ou religiosa, mas efeito de fatos mais reais, mais significativos, mais empíricos.

Atinge-se, assim, ao auge do factualismo apaixonado da realidade, das camadas mais profundas do processo histórico, da estrutura econômica, especialmente quando um pouco mais tarde Taunay estuda, nos "Subsídios para a história do tráfico africano no Brasil Colonial" (*Anais do III Congresso de História Nacional*, vol. III, 1938, publicado em 1941), a mão de obra, o trabalhador principal de quase quatro séculos de história. O revisionismo factual conduziu-o também a uma espécie de factualismo ideológico, que deu sempre preferência à estrutura e não à conjuntura, ao real e não ao aparental, às camadas profundas e não às superestruturas, aos movimentos coletivos e não às minorias governamentais, ou aos vice-reis e governadores. A visão se focaliza nas bases econômicas e sociais para a compreensão da história nacional.

Suas duas grandes Histórias Gerais, a das Bandeiras e a do Café, representam dois grandes períodos da história do Brasil e, como observou Sérgio Buarque de Holanda, pode-se "vislumbrar o elo, às vezes secreto, que as unifica num ritmo comum" (3).

Entre o encerrar do primeiro período e o começo do segundo, São Paulo sofrera uma fase de grande declínio, a "bela sem dote" de que falava Gomes Freire e a que aludiu Sérgio Buarque de Holanda.

Taunay estuda especialmente a história de São Paulo nas suas duas grandes fases até então mal conhecidas. As outras, menos importantes, foram objetos de várias monografias suas e de artigos esparsos. Pensara, em 1904, escrever uma história dos capitães-generais de São Paulo, mas desistira, naturalmente em face da viva condenação de Capistrano: "A sua idéia de escrever uma história dos capitães-generais de São Paulo é simplesmente infeliz. Que lembrança desastrada a de preferir um período desinteressante, quando a grande época dos paulistas é o século XVII. Deixe este encargo ao... ou ao... Isto lhes vai a calhar. Que encham as páginas da *Revista* com tão desenxabido assunto. Reserve você para si o melhor naco, deixe os miúdos para quem dêles gostar". Em boa hora seguiu Taunay o conselho de seu mestre e amigo.

Apesar de escrever sobre São Paulo nos séculos XVII e XVIII, concentrou seu esforço principal nas áreas importantes e pouco conhecidas: as bandeiras, no século XVII, o café, no XIX. Com isto, deu à historiografia brasileira contribuição factual só comparável à de Varnhagen. E mais: sua obra se distingue pela focalização da estrutura histórica, isto é, a expansão territorial e a economia cafeeira.

(3). — "Bandeiras e Monções", *Diário Carioca*, 15 de julho de 1952.

ra, ao invés de se ocupar com a superestrutura governamental, as minorias dirigentes ou as personalidades. Vê e analisa movimentos coletivos, grupais e sociais, como foram as bandeiras, e reconstituiu a estrutura econômica mais que secular da sociedade brasileira.

Se o exercício da grande história, da história geral, “se converteu nos últimos tempos”, como observou Sérgio Buarque de Holanda, “num dos terrenos favoritos do malabarismo e da prestidigitação intelectuais, não existe motivo para que fiquemos constantemente cegos às suas possibilidades”. A *História Geral das Bandeiras* e a do *Café* representam um esforço gigantesco de reconstrução histórica e de análise documental.

Entre 1900 e 1950, em 50 anos, encheu-se o espaço quase vazio das bandeiras na História Geral, graças a uma grande história geral. Taunay, como um grande historiador, reconstruiu todo um mundo espiritual que começa nele de maneira indissolúvel. A vida bandeirante que reconstruiu torna-se imediatamente uma força presente e formadora do futuro. Como representante de sua geração, êle reconstruiu todo êsse mundo, sob o impulso da necessidade presente, para que pudéssemos recordar sempre de novo o nosso próprio passado, não esquecê-lo e não perder a substância da nossa própria vida histórica, ameaçada pelo abandono ou esquecimento do grande movimento bandeirante.

A crise radical da nossa continuidade histórica, criada pelo esquecimento do bandeirantismo, foi em grande parte vencida pela contribuição de Afonso Taunay, ao ampliar o nosso horizonte existencial. Reatando a nossa continuidade histórica, que é a única “prova” da significação da duração da existência humana, êle contribuiu para que a mesma permanecesse viva entre nós. Fêz-nos, neste sentido, uma doação espiritual que não nos pode mais ser roubada. Filho de Santa Catarina, mas no espírito e na obra tão paulista quanto Varnhagen, Afonso Taunay mostrou que uma história ativa como a de São Paulo havia de produzir uma historiografia igualmente criadora.

Na história do Brasil, São Paulo é mais Marta que Maria: seus atores são almas incendiadas de iniciativa, de ambição, de responsabilidade, de paixões, e não só sitiadas pelas necessidades. Talvez por isso mesmo seus dois grandes historiadores, dos maiores que o Brasil já produziu, não amaram a contemplação, ou, no caso, a teoria que pudesse presidir e orientar o trabalho histórico e levasse a compreender os “fatos em suas origens, em sua ligação com fatos mais amplos e radicais de que dimanam”, como disse de Varnhagen o seu mais entusiasta admirador, Capistrano de Abreu.

Se era difícil exagerar os serviços prestados por Varnhagen à história nacional, como disse Capistrano ao escrever-lhe o necro-

lógio, não o é menos em relação aos esforços e trabalhos de Taunay. Mais difícil ainda é mostrar, é revelar, nesta hora tão próxima do seu passamento, os seus defeitos, que todos os temos, dos maiores aos menores. Era preciso que fôssemos Deus para não os ter.

Dois reparos, porém, se podem desde logo fazer. Primeiro, a falta de uma capacidade crítica que melhor condensasse, digersse e assimilasse os vastos materiais descobertos e acolhidos. Êle fazia análise, gostava sempre de dizer, mas não havia necessidade de tantas digressões, às vêzes literárias. Devia ter ouvido o conselho de Capistrano, em 1917: “Ouça-me: nada de alusões literárias! Nem mesmo as corriqueiras: o que uma geração conhece é muitas vêzes totalmente ignorado pela seguinte”.

Um corpo de doutrinas mais atual e modernizado lhe teria talvez inspirado melhor plano de trabalho, melhor arrumação do material, melhor compreensão das conexões dos grandes movimentos de que tratou. Taunay narrava mais do que interpretava, descrevia mais que compreendia. As teorias passam, é verdade. Mas como concepções do mundo de cada geração, são elas que inspiram e justificam a reelaboração histórica. Cada geração deve escrever a história sob o impulso do presente, para que melhor o possamos captar e adquirir.

Uma maior intimidade com a antropologia, por exemplo, ter-lhe-ia evitado o reparo de Roquete Pinto, ao recebê-lo na Academia Brasileira de Letras: não sabia se êle fôra bem inspirado consagrando, no primeiro volume de sua *História das Bandeiras*, um capítulo ao que chamara “arianização progressiva dos paulistas”, porque a antropologia ensina que o sangue ariano é uma utopia.

Em segundo lugar, convém lembrar que Taunay desobedeceu a um dos princípios mais rigorosos da história, ao transcrever os documentos sem indicar exatamente de onde os transcreve. Êle sempre cita a fonte, mas decuida-se de precisar exatamente onde se encontra ou donde foi transcrita. Ao correr das transcrições, interrompidas por digressões nem sempre correspondentes, Taunay citá no próprio texto, sem enumerar a cota do documento arquivado ou o volume e página da revista ou livro. Os pesquisadores e estudiosos precisam reler o documento citado.

Não foi Taunay o único que pecou dêste pecado. Capistrano, nos *Capítulos de História Colonial*, a mais perfeita síntese da nossa história, embora citando, deixou de indicar a procedência das fontes e livros. Como Capistrano, Taunay não tinha dúvida sobre a necessidade imprescindível de obedecer a esta regra metodológica. Quem o suceder na obra e no conhecimento do bandeirismo e do café poderá restaurar as citações, embora seja êste um dos trabalhos mais difíceis e árduos e dos menos apreciados.

Os serviços que Afonso Taunay prestou à história nacional estão, todavia, muito acima deste senão, corrigível, embora à custa de muito esforço.

Em resumo: Taunay foi bem o representante do revisionismo histórico no Brasil, cujo fim consiste em rever os grandes quadros históricos já construídos, corrigindo, acertando, acrescentando, atualizando. Apenas, sua contribuição, mais que a de Rodolfo Garcia, se caracteriza não pela emenda, mas pela ampliação. O capítulo de Varnhagen sobre as bandeiras era pífio: Garcia tentou atualizá-lo; Taunay construiu um mundo novo. O ímpeto inicial, porém foi revisionista.

Já mostramos as diferenças capitais que bifurcam a corrente que vem de Capistrano, cujo revisionismo é complexo, ideológico e factual. Seus discípulos Garcia e Taunay são revisores factuais, que se separam pela própria força da capacidade criadora. Um retifica um mundo de minúcias eruditas; outro recria todo um período histórico.

Ideologicamente é também interessante observar que o factualismo revisionista conduz Taunay a uma visão realista da história. Ele é o historiador da estrutura do devassamento territorial e da estrutura da economia cafeeira. E' um historiador que procurou estudar mais os movimentos coletivos, populares, de que a bandeira é uma expressão seiscentista, do que as minorias ou as personalidades dirigentes. Neste sentido, despersonalizou a história, um benefício que as gerações futuras saberão apreciar. Por outro lado, a voz do estrangeiro, que é a voz da posteridade, como dizia Capistrano de Abreu, soube proclamar, durante sua vida, os seus méritos, não somente nos Estados Unidos como na União Soviética. Se nos Estados Unidos, em 1944, a homenagem foi pública, ainda recentemente, em carta, o Professor V. J. Ermolaev, da Academia de Ciências de Moscou, demonstrando a importância de Afonso Taunay na historiografia brasileira, declarava conhecer, ao lado da de Gilberto Freyre, a sua obra.

Desde a morte de Capistrano, Taunay representava o gênero histórico. Ainda é cêdo para um exame crítico de seu espólio literário, que será lido e relido, analisado e revisto pelas futuras gerações de historiadores. Mas desde já se pode dizer que com a *História Geral das Bandeiras*, Taunay fez crescer o mundo espiritual de nossa herança histórica.

JOSE' HONÓRIO RODRIGUES